

O DISCURSO COMO FORMA DE ESTIGMATIZAÇÃO SOCIAL – UM ESTUDO DE CASO SOBRE O DISTRITO DE SABAÚNA

Leandro Blanco Becceneri²

Resumo: o presente trabalho apresenta uma análise sobre a relação entre os residentes de duas localidades distintas do distrito de Sabaúna, em Mogi das Cruzes-SP. A separação da população em dois bairros, um novo e um antigo, possibilita uma análise verbalizada e comparativa das figurações “estabelecidos” e “outsiders”, presente na obra de Elias (2000). Assim, pretende-se relacionar o trabalho já mencionado com a obra “Estigma” (1988) de Erving Goffman. A execução desta pesquisa foi feita por meio da utilização de métodos qualitativos como a observação participante e a análise de documentos, na tentativa de abordar e esclarecer a questão da estigmatização no contexto analisado.

Palavras-chave: Estigmatização; Discurso; Exclusão social.

Abstract: the paper presents an analysis about the relationship between the residents of two distinct locations in the district of Sabaúna, in Mogi das Cruzes-SP, Brazil. The separation of the population into two neighborhoods, new and old, provides a comparative analysis of verbalized figurations "established" and "outsiders", present in the work of Elias (2000). Thus, the work seeks to relate the aforementioned work with the book "Stigma" (1988) of Erving Goffman. The execution of this research was done through the utilization of qualitative methods such as participant observation and data and documents analysis to help to elucidate the question of the stigmatization present in that place.

Keywords: Stigmatization; Speech; Social exclusion.

Introdução

Este trabalho apresenta um estudo sobre a relação de dois grupos da população do distrito de Sabaúna, em Mogi das Cruzes-SP, onde a distinção em dois bairros proporcionou o surgimento de uma condição de estigmatização de um bairro em relação ao outro. Essa separação em dois bairros diversos possibilita uma análise verbalizada e comparativa das categorias “estabelecidos” e “outsiders”, presente na obra “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” (2000), de Norbert Elias e John Scotson, assim como estipula uma relação com a obra “Estigma” (1988) de Erving Goffman, no que se refere à condição de estigmatização e estigmatizado.

Na obra de Elias e Scotson, é feita uma análise sobre uma pequena comunidade inglesa, cujo nome real foi suprimido e dado o nome fictício de Winston Parva, que apresentava seu universo centrado em um bairro considerado mais antigo e, ao redor deste, duas povoações constituídas em período mais recente em comparação ao primeiro. O estudo se desenvolve sobre a questão de um bairro específico (denominado pelo autor de Zona 3) que era tido como uma área inferior, com alto índice de delinquência, baixo nível de interação social e com poucas possibilidades de desenvolvimento de atividades culturais, mesmo essa zona não possuindo diferenças relevantes no

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: leandrobecc@hotmail.com

aspecto étnico, de nacionalidade ou de linguagem. O que os diferenciava era essencialmente o tempo de residência naquela comunidade e os laços sociais ali estabelecidos.

Com o centro da comunidade fixado nos bairros mais antigos, há uma ampliação das relações de poder e de *status*, assim como das tensões com relação aos “outros”, tendo como consequência métodos conhecidos quando existe esse tipo de oposição, como a rotulação, a noção de inferioridade e a segregação de um dos grupos. Elias (2000) define que a ação de estabelecer um rótulo de inferioridade é uma questão chave na relação “estabelecidos e *outsiders*”, sendo essa proposição de Nobert Elias amparada pelas relações de equilíbrio e dependência mútua do poder existente entre os dois grupos distintos, sendo isso um ponto central na designação de um como “*outsider*” por outro que se considera “estabelecido”. Dessa forma, segundo Elias (2000), o estigmatiza ocorre quando um deles se encontra em uma posição de poder e sente-se ameaçado pelos “*outsiders*”, excluindo-os. Essa concepção também surge na obra de Goffman (1988), que explora as formas de estigma sobre os mais diversos aspectos, como os de características físicas e sociais.

Neste trabalho, a contribuição do modelo desenvolvido por Elias é posta da seguinte forma: pessoas residentes há mais tempo no centro de Sabaúna (compreendidos aqui como os estabelecidos) e pessoas residentes numa localidade mais recente, distando do centro, a Vila Mathias (*outsiders*). Assim como em Winston Parva, a população da Vila Mathias se constitui de pessoas provenientes de outras localidades. Esse esclarecimento é importante, pois, na percepção de alguns residentes do centro do distrito, os moradores da Vila Mathias são percebidos como na figuração de Elias, como pessoas que não possuem vínculos com o local, não fazendo parte da “verdadeira” Sabaúna e nem da cultura dos demais membros dessa comunidade.

Da mesma forma que Elias (2000) realizou seu estudo, e também pelos dados obtidos na realização desta pesquisa, é possível perceber um equilíbrio instável de poder entre os dois grupos de moradores, com claras distinções na interação entre eles. Dessa maneira, mesmo quando a relação entre as partes do distrito é tranquila, os discursos apresentados pelos residentes da parte mais antiga em relação aos da parte mais nova estão carregados de elementos baseados num estigma de viés depreciativo, apresentado e exemplificado em diversos pontos da obra de Goffman (1988). Esse é o ponto que este trabalho pretende explorar: a utilização, mesmo que sutil, do discurso como forma de reforçar a percepção de que os indivíduos residentes na área chamada de Vila Mathias são baderneiros, desordeiros e mal organizados, sendo pessoas menos importantes para aquela comunidade.

Metodologia

A metodologia geral do estudo utiliza técnicas de pesquisa qualitativa, envolvendo a abordagem de Elias (2000) e Goffman (1988) sobre o estigma e a separação social. Também envolve visitas a campo que ocorreram em período

que compreendeu os meses de maio a junho de 2014³. Portanto, para que os objetivos gerais sejam atingidos, elaboraram-se dois objetivos específicos, dividindo a pesquisa em duas fases: a primeira, visando compreender as dinâmicas e as relações estabelecidas entre os grupos, pautou-se por uma observação participante e uma análise de documentos e dados sobre a localidade. A segunda fase buscou a obtenção da opinião das pessoas residentes no centro sobre os moradores da Vila Mathias, sem a utilização de entrevistas ou questionários estruturados. Isso foi feito utilizando-se apenas a observação participante e a escuta das falas nos ambientes da vida cotidiana. É importante ressaltar que:

a observação participante implica, necessariamente, um processo longo [...]. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar ulterior da pesquisa. O tempo é também um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos: para se compreender a evolução do comportamento de pessoas e de grupos é necessário observá-los por um longo período e não num único momento (VALLADARES, p. 1, 2007).

A observação participante é uma técnica de investigação social em que o pesquisador compartilha as atividades, as ocasiões e os interesses de um determinado grupo de pessoas ou de uma comunidade, com o objetivo fundamental de captar as significações e as experiências subjetivas dos próprios intervenientes no processo de interação social, com graus de formalidade diferentes. Essa descrição das técnicas utilizadas na pesquisa qualitativa é de grande importância para o entendimento do complexo processo interpretativo que ocorre nesse tipo de pesquisa, contribuindo com o aperfeiçoamento da aplicação dessa metodologia (SOUZA et al, 2011).

Portanto, os procedimentos metodológicos seguidos nesse estudo podem ser compreendidos como divididos em duas etapas síntese. A primeira foi destinada a entender características da dinâmica social local. A relevância dessa etapa deu-se no contato direto com os moradores, o que permitiu percepções sobre a interação com o município de qual fazem parte e com as outras localidades do distrito. Esta fase contou com visitas a locais com grande movimentação de pessoas, reuniões da sociedade de bairro e observação dos discursos elaborados sobre a população residente na outra parte do lugar.

A segunda fase compreende o estudo e a estruturação da pesquisa, por meio de revisão bibliográfica específica do assunto, assim como bibliografia sobre a localidade estudada, além de dados geográficos com base nos setores censitários do Censo 2010 do IBGE e documentos da Prefeitura e Câmara Municipal de Mogi das Cruzes. Os dados dos setores censitários utilizados foram obtidos no *website* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os pontos evidenciados foram registrados por intermédio da

³ É importante ressaltar que o local estudado já era conhecido pelo pesquisador antes do início desta pesquisa.

utilização de GPS, analisados através do software Terraview⁴, para que fosse possível uma compreensão do cenário do distrito e uma comparação entre suas localidades.

Dessa forma, utilizou-se a análise bibliográfica e de documentos e dados, associados à observação participante, pois se entende que são técnicas que se complementam em relação ao objetivo da pesquisa. Existe a compreensão de que para o desenvolvimento de uma pesquisa é preciso um marco teórico que a referencie e por isso as obras de dois importantes autores do tema foram utilizadas como balizadoras e referenciais. Não se trata de um fim em si mesmo, mas de possuir parâmetros para uma análise mais desenvolvida, condizente com o objeto de estudo e com o pensamento do autor:

a escolha de um desenho de pesquisa - e de uma metodologia - não pode ser independente dos objetos teórico e empírico sob consideração. Mas isto não deveria significar que a metodologia deve ser relegada à situação de variável dependente. Se há uma escolha, ela é influenciada também pela intuição e subjetividade do autor e pelos estudos existentes, que constroem conjuntamente uma visão da maneira mais adequada de se encontrar uma solução sugerida para o problema a ser investigado (SANTOS, 2011, p. 48).

Contextualização do local

Sabaúna é o distrito mais antigo de Mogi das Cruzes - SP, com sua fundação em 1627, estando a aproximadamente 16 km do centro do município e localizado no Vale do Paraíba, ainda que o município de Mogi das Cruzes pertença à bacia do rio Tietê (GRÍNBERG, 1961). O lugar conta hoje com aproximadamente cinco mil habitantes, inserido em uma área de proteção ambiental⁵. Sua economia gira em torno de uma única fábrica existente no local, que em termos marxianos poderia ser considerada como uma típica região operária, uma vez que as cidades do final do século XIX e início do século XX se desenvolviam no entorno de fábricas, minas ou ferrovias. Em tempos anteriores o desenvolvimento econômico local se deu por conta da passagem dos trens pela ferrovia Rio-São Paulo (Central do Brasil), que hoje transportam apenas carga, sem paradas no local.

A Vila Mathias começou a ser loteada por volta dos anos 1950, estando ainda hoje em processo de crescimento. É interessante notar que boa parte das pessoas do “centro”, assim como as pessoas dessa região periférica, como aparece na obra de Elias, trabalham em um mesmo local, desempenhando

⁴ O TerraView, um software livre e de distribuição gratuita, é um visualizador de dados geográficos com recursos avançados de consulta e análise desses dados. Foi desenvolvido pela Divisão de Processamento de Imagens (DPI) do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

⁵ De acordo com o Art. 127 do Plano Diretor do Município de Mogi das Cruzes (Lei Complementar nº 46, de 17 de Novembro de 2006), Sabaúna está inserida em uma Macrozona Urbano-Rural de Ocupação Controlada, sendo que esta possui grande presença de corpos d'água, nascentes e cobertura vegetal significativa (MOGI DAS CRUZES, 2006).

funções semelhantes na única fábrica ali existente, de equipamentos e componentes elétricos.

Abaixo, um mapa mostra os setores censitários delimitados pelo IBGE (2010), que integram a área de Sabaúna (incluído o bairro de Botujuru, a sudoeste). As partes em vermelho são as zonas rurais, enquanto as partes em verde são as áreas urbanas. A parte superior do círculo urbano é a Vila Mathias, enquanto a parte inferior é o centro de Sabaúna.



Figura 1: Setores censitários do distrito de Sabaúna
Fonte: IBGE, Censo 2010.
Elaboração do autor.



Figura 2: Sobreposição dos setores censitários à imagem de satélite
Fonte: IBGE, Censo 2010.

Ainda na contextualização do local, algumas informações são importantes. A primeira, é que o território da Vila Mathias é um bairro regularizado (pelo menos a maior parte dos lotes), com coleta de lixo, água encanada e energia. Porém, o bairro não conta com rede de coleta e tratamento de esgoto, sendo despejado diretamente nas ruas ou em fossas das casas. O segundo ponto importante a se destacar é que nessa parte do distrito não há nenhum equipamento público ou privado como escola, centro comunitário, posto de saúde, posto de atendimento da prefeitura, além de não contar com nenhum equipamento de lazer, como quadras poliesportivas, academias ao ar livre e salão comunitário. Todos esses equipamentos, ainda que escassos e insuficientes, estão localizados na outra parte do lugar, a mais antiga e central. A imagem de satélite abaixo mostra a localização das duas partes do distrito de Sabaúna:



Figura 3: Imagem de satélite do distrito de Sabaúna
Fonte: Google Earth, 2014.

A figura 4 mostra a localização de aparelhos públicos, assim como a única fábrica existente, a partir da divisão por setores censitários do IBGE. Essa representação foi feita por meio da localização dos objetos e apontamento das coordenadas de latitude e longitude com GPS, que posteriormente foram sobrepostos a malha de setores censitários com a área urbana de Sabaúna recortada, como forma de demonstrar a distribuição de equipamentos pelas duas zonas urbanas do distrito:

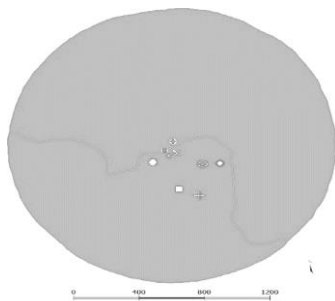


Figura 4: Localização de aparelhos públicos e privados em Sabaúna
Fonte: IBGE, Censo 2010. Elaboração do autor.

Os símbolos na imagem acima representam respectivamente:

O quadrado (■) representa a creche do distrito;

A cruz (+) representa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Joao Cardoso Pereira;

O asterisco (*) representa a unidade básica de saúde;

O círculo (●) representa a sede da Administração Regional do distrito;

O losango (◆) representa a Escola Estadual Professor Aristóteles de Andrade;

O X representa a praça central do distrito;

O círculo vazio (○) representa a sede da associação de bairro Sociedade Amigos de Sabaúna (SAS);

O quadrado vazio (□) representa a Estação Ferroviária de Sabaúna, que hoje abriga um pequeno museu ferroviário;

O losango vazio (◇) representa a única fábrica existente no local.

É possível observar a concentração desses aparelhos em apenas uma parte do distrito. Essa distribuição desigual também é encontrada no sistema de captação de esgoto que existe apenas na parte central, sendo inexistente em todas as outras áreas, inclusive as rurais. Cabe destacar que a unidade fabril também está bem próxima ao centro do local, porém por se encontrar do outro lado da linha férrea que corta o lugar, ela consta no setor censitário da Vila Mathias, ainda que pertença do “centro”.

Elias e Goffman, um diálogo possível

Essa seção traz o conceito de estigmatização e sua contribuição para esse trabalho como forma de compreender os processos envolvidos na exclusão

social. Para isso, será feita a análise das obras fundamentais de Elias (2000) e Goffman (1988).

A estigmatização, segundo Goffman (1988), é uma marca física ou abstrata que diferencia o normal do anormal. A marca origina a “percepção” de que o outro é inferior, incapaz e inapto, e a partir daí ocorre uma ação de estigmatização. Esse processo coloca o indivíduo em um lugar diferente dos demais. Assim, estigmatizar é uma definição do que não é normal, construindo todos os adjetivos do anormal. O estigma, segundo Elias (2000) seria uma forma anterior ao preconceito, uma vez que este é a forma mais bem acabada da estigmatização, ocorrendo através de um sentimento, de uma forma de agir que mobilizaria várias emoções que em sua maioria são irracionais. Essa conceituação é importante na abordagem do objeto de pesquisa desse trabalho, pois na exclusão social é importante entender qual é o estigma presente, já que em alguns casos é preciso usar uma leitura multidimensional como classe, renda, etnia. No caso apresentado, o que é possível perceber de forma clara é a existência de uma oposição social formada por coesão, constituindo um ambiente de “nós *versus* eles”.

Em sua obra, Goffman (1988) aborda o ponto de vista do indivíduo que sofre a dor, tomando parte nessa discussão. Ele considera fatores importantes da condição da pessoa estigmatizada através do debate sobre o estigma, assim como sua sociabilização, a propagação de informações sobre o aspecto “anormal” dessas, além de discorrer sobre as reações observadas no ambiente de uma integração social. Assim, o autor observa que o sofrimento vem do contato do estigmatizado com o “normal”. O estigma é definido nessa obra por meio da abordagem de uma marca física, já que essa marca tornaria visível o que, na realidade, é invisível. Assim, Goffman define que o exercício e a identificação do invisível são construídos nas relações sociais. Na obra, há um foco na marca física e no conseqüente sofrimento do indivíduo que possui tal marca⁶.

Dessa forma, Goffman coloca essa questão como uma categoria e a separa em dois tipos: os normais e os estigmatizados. O autor também define que a forma como é feita a sociabilização dos indivíduos é que faz com que haja uma identificação do que não é normal e isso se dá sem nenhum tipo de reflexão ou questionamentos. Assim sendo, o estigma estabelece a relação que iremos ter com os indivíduos. Acrescenta ainda que, seguindo certos pré-conceitos, são indicadas expectativas referentes às exigências que deverão ser apresentadas mediante as divisões dos indivíduos, suas características e sua identidade social. Cabe acrescentar, ainda segundo Goffman (1988), que nem todas as qualidades indesejáveis são colocadas em questão, mas sim apenas

⁶ Talvez isso se deu por conta da época em que a obra foi elaborada, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960 (foi publicada em 1963), em que essas marcas eram muito aparentes na sociedade, uma vez que os Estados Unidos atravessavam um período conturbado em relação à ordem social, por conta das tensões referentes a defesa dos direitos humanos e sociais, em especial por parte das minorias étnicas e culturais que ali viviam.

aquelas que estão fora do estereótipo e das expectativas anteriormente criadas sobre um determinado grupo de indivíduos.

Ao pensar na sociedade capitalista globalizada, percebe-se que a sociabilização é construída a partir da utilidade de um indivíduo e da possibilidade de produção dele dentro do sistema. O sistema capitalista exclui das mais variadas formas e por excelência define quem é produtivo e improdutivo, quem pode gerar valor e quem não tem essa capacidade, o que, dentro do sistema, pode ser considerado um problema. Apenas o fato de haver a identificação e a classificação da deficiência já se caracteriza como uma marca de agressão e violência. É importante salientar também que o sistema exclui e inclui visando à utilidade do indivíduo. Pode-se questionar ações inclusivas à medida que estas enxergam o indivíduo portador de deficiência, por exemplo, como alguém capaz de produzir.

O autor Norbert Elias (2000) demonstra a importância de se perceber a questão da estigmatização como uma característica fundamental na compreensão da relação “estabelecidos e *outsiders*” e de sua consequente construção social, como é o caso do vínculo presente entre os moradores do distrito aqui estudado. A abordagem, neste trabalho, da obra de Elias e de Goffman, se dá pelo fato de haver uma afinidade na questão específica da estigmatização e exclusão social presente nas obras desses autores.

A questão do estigma é importante, pois na obra de Elias (2000) ela é vista como uma característica intrínseca da relação entre os que possuem o poder e aqueles que estão fora dele, associando a isso uma espécie de imaginação coletiva elaborada pelos estabelecidos como forma de explicar o preconceito sentido em relação aos “*outsiders*”. Na obra há a diferenciação de estigmatização, elementos que diminuem o ser humano, mesmo que inventados, e preconceito. Assim, o autor mostra que existem problemas de uma minoria ligada a determinado grupo que são ressaltados e ampliados (generalizados) para os demais membros, como por exemplo “a questão das pessoas do grupo beberem muito ou terem suas casas sujas” (ELIAS, 2000, p. 115).

Olhar para o objeto de pesquisa assumindo que existe uma interdependência entre os residentes no distrito faz com que sejam levantadas algumas questões, como: Quais são os elementos, as palavras e as ações dos estabelecidos para estigmatizar e excluir do poder os “*outsiders*”?

Discursos e elementos das lutas de poder

Durante a pesquisa de campo foi possível, a partir de relatos e observações, identificar um discurso depreciativo presente na configuração “residentes da Vila Mathias” e “população antiga do centro”. É possível verificar que, num quadro geral, os discursos de alguns moradores do grupo estabelecido percebem os “*outsider*”, ainda que de forma sutil, como pessoas que vem atrapalhar a ordem anteriormente estabelecida, sem raízes locais, evidenciando sua pouca participação e representatividade em eventos da comunidade, como mostram algumas falas dos moradores abaixo reproduzidas:

É o pessoal da Vila Mathias que não tem nada pra fazer lá e vem pra cá fazer bagunça (Uma dona de casa, Sabaúna, 2014).

Esses meninos são lá da Vila Mathias... (Um aposentado, Sabaúna, 2014).

As lixeiras das ruas foram tiradas do distrito porque o pessoal não sabe utilizar. Na Vila Mathias encontraram até cachorro morto dentro e as pessoas de lá agora jogam o lixo em um terreno vizinho ao bairro (Um estudante, Sabaúna, 2014).

Os nordestinos que vem pra cá, vão parar todos lá na Vila sempre que chega alguém (Um gerente de empresa, Sabaúna, 2014).

O pessoal da Vila não participa de nada, começa alguma coisa e depois joga na nossa mão por que não conseguem resolver (Uma funcionária de estabelecimento comercial, Sabaúna, 2014).

Tem gente que mora em barraco lá, vem pra cá e não consegue pagar aluguel das casas que são melhores (Um professor, Sabaúna, 2014).

Nas falas acima são encontrados diversos fatores de estigmatização, não envolvendo apenas uma dimensão do problema, mas várias, uma vez que podemos considerar presentes elementos que se referem a aspectos educacionais, migratórios, psicológicos e socioeconômicos. Ao dar identidade às falas - no sentido mencionado - tentou-se qualificá-las como falas de indivíduos sociais com ocupações variadas que se fazem presentes na vida cotidiana do local.

Nas falas citadas, a comunicação torna-se uma ferramenta de criação, manutenção e difusão de estigmas. Nesse sentido, é preciso atentar que crescer em bairros segregados tem importantes efeitos negativos em termos de avanço educacional, gravidez na adolescência, atividade criminal e possibilidades de inserção no mercado de trabalho, entre outros aspectos (TORRES, 2004). Isso é essencial para se compreender os fatores decorrentes da estigmatização do bairro e de possíveis consequências para a população que é excluída, gerando um cenário de retroalimentação dos problemas.

Essa utilização da fala como meio de estigmatização e propagação de pré-conceitos ocorre em variados contextos. No estudo de Caldeira (2001), "Cidade de Muros", no capítulo "A Fala do Crime", a autora descreve as narrativas sobre os delitos, suas origens e, em especial, seus agentes. É mostrada a articulação entre diversas falas, verbalizando escalas de valores que se acomodam com a ilegalidade e as práticas cruéis nas instituições, que esvaziam a retórica impotente do discurso de respeito aos direitos pelos governantes e assim, produzem estereótipos sobre a diferença. Quando o assunto abordado nas entrevistas é o crime, há uma clara distinção entre os agentes que o produzem e seus motivos.

No começo do capítulo mencionado, a autora entrevista uma mulher, residente em um bairro de classe média, que relaciona o problema da criminalidade com a migração mais recente de nordestinos. É dessa forma que a autora atua na identificação do crescente distanciamento que há entre diferentes setores da sociedade. A distância é criada pela classificação que ela estabelece nas relações sociais - uma superior e outra inferior - que não ocorre

apenas no universo social, mas também no universo espacial com a distinção entre áreas de periferia e áreas de elite (CALDEIRA, 2001).

Esses discursos apresentam uma interessante correlação com os argumentos presentes na obra de Elias (2000), mostrando que a estigmatização se dá por meio dos atributos definidores do outro, no caso os “outsiders”, criados pela população residente há mais tempo no distrito são: a propensão à baderna, o desinteresse pelas questões locais, sua inferioridade e sua desorganização, permitindo, nessa análise de caso, captar nesses discursos algumas dimensões da disputa de poder existente no local. Elias também ressalta que a presença dos “vindos de fora” é percebida como uma ameaça ao estilo de vida anteriormente praticado em Winston Parva, sendo constantemente proferidos discursos de ódio e exclusão através daqueles que detêm maior poder na sociedade local. Sobre a questão do poder, o autor faz a seguinte reflexão:

(...) os grupos na posição de outsiders avaliam-se pela bitola de seus opressores. Em termos de normas de seus opressores, eles se consideram deficientes, se veem como tendo menos valor. Assim como, costumeiramente, os grupos estabelecidos veem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado, os grupos outsiders, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana (ELIAS, p. 28, 2000).

Tais argumentos também estão presentes na obra de Goffman (1988), quando o autor aborda a questão da identidade individual e coletiva no meio social:

Ao usar o termo "identidade pessoal" pretendo referir-me somente as duas primeiras ideias - marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade. A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa a qual se vêm agregar outros fatos biográficos. O que é difícil de perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar, e desempenha um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido à sua unicidade (GOFFMAN, p. 51, 1988).

Na visão desse autor os indivíduos tenderiam a assumir as características que os estabelecidos lhes atribuem. Porém, ele não aponta essa situação como estática, uma vez que existe a possibilidade de reação frente às noções preconcebidas, já que a identidade está em construção contínua, adaptando-se às situações da vida cotidiana.

Da mesma forma como demonstrado por Elias (2000), é possível perceber que a estigmatização dos residentes na Vila Mathias pelos que residem no

centro do distrito segue a mesma lógica e o mesmo método de imputação de atributos que o autor aborda em sua obra. Logo, o grupo estabelecido avalia como problema grupal aquilo que é decorrente da situação dos moradores da outra parte do local, o que é imposto e constantemente reproduzido pelos estabelecidos. Outro ponto que surge na concepção elisiana é o fato dos estabelecidos construírem e atribuírem características definidoras do outro, como visto nos discursos acima reproduzidos. Nesse estudo de caso, a atribuição de características que os residentes da parte central impõem como definidora dos habitantes da outra localidade ocorre uma vez que os estabelecidos precisam atribuir um estigma para que seja possível identificar os “outsiders”, assim como conservar a estrutura de poder vigente, contribuindo para manter o caráter fantasioso criado a respeito do outro grupo, como consta tanto na obra de Elias (2000) quanto na de Goffman (1988).

Considerações finais

O trabalho buscou apresentar uma análise de caso sobre a questão da estigmatização social de uma parte da população residente no distrito de Sabaúna, por intermédio do discurso apresentado por residentes mais antigos do local. Como evidenciado ao longo do trabalho, a assimilação das várias dimensões dessa estigmatização tem influência em diversos aspectos da vida cotidiana, como a representação política e social e a integração à comunidade das pessoas residentes na Vila Mathias.

A produção das falas e discursos por parte dos residentes do centro representa uma estigmatização e um processo de exclusão mediante um aspecto simbólico que ocorre como consequência de um desequilíbrio social que se estabeleceu ao longo do processo de formação e desenvolvimento do local. A configuração social e espacial de tal localidade faz com que sejam criadas expectativas por parte dos estabelecidos em relação aos “outsiders”, retomando a discussão sobre as características depreciativas que são ressaltadas por parte de um grupo em relação ao outro. É possível perceber também que as relações econômicas entre ambos geram benefício mútuo, à medida que ambas as localidades tendem a ganhar com o desenvolvimento do distrito, seja ele através da indústria ou do comércio presentes no local.

Quando considerados os discursos reproduzidos por parte da população mais antiga do distrito, esses apresentam uma clara sintonia com a análise desenvolvida por Elias (2000), ao argumentar em sua obra que a chegada de novos moradores em um novo local é percebida como uma ameaça ao estilo de vida dos estabelecidos, assim como a seu poder e sua influência sobre o local. Também estão de acordo com o estudo de Goffman (1988), em que as características e a situação dos moradores de tal parte do distrito são apontadas e ressaltadas como falhas grupais, facultados a eles atributos definidores, destacando possíveis atitudes problemáticas, podendo possivelmente influenciar a atitude dos estigmatizados. As falas apresentadas demonstram a criação de uma imagem depreciativa e negativa associada à condição de moradores recentes sem “raízes” temporais longas no local.

É importante destacar também que, na concepção dos moradores da Vila, a condição de “outsider” dificulta sua integração social no ambiente cotidiano da comunidade. Entretanto, também é possível perceber um “contra discurso” por parte de alguns moradores mais antigos do distrito que, ao invés de utilizar o viés negativo, destacam pontos positivos sobre a localidade adjacente, tais como o aumento da força econômica e o crescimento de sua representatividade eleitoral, elementos importantes para o fortalecimento do local perante o restante do município. Porém, esses discursos com viés positivo ocorrem apenas quando alguns residentes mais antigos são diretamente perguntados sobre sua opinião em relação aos moradores da outra localidade. Somente dessa maneira foi possível perceber os fatores positivos que emergem nos discursos apresentados.

Por fim, cabe destacar que o objetivo desse estudo foi avaliar o discurso de um grupo em relação ao outro, de forma unilateral, sem o ponto de vista e de opiniões da parte que supostamente está sofrendo o estigma. Esse caminho foi feito sob uma perspectiva de foco e dimensão do trabalho, entendendo que tal questão pode ser abordada em futuras pesquisas mais profundas e detalhadas. Também não se pode generalizar o discurso do grupo aqui tido como estabelecido, uma vez que esse não representa a opinião unânime das pessoas residentes na porção central do distrito. Portanto, o estudo se caracteriza por uma análise inicial e preliminar sobre a condição dessa localidade que apresenta considerável valor histórico, cultural e econômico na região em que se insere.

Referências

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros**: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

GOFFMAN, Erving. Estigma e identidade social In: **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

GRÍNBERG, Isaac. **História de Mogi das Cruzes**. São Paulo: Saraiva, 1961.

MOGI DAS CRUZES. Lei Complementar nº 46, de 17 de Novembro de 2006. **Diário Oficial de Mogi das Cruzes**, 2006. Disponível em <www.mogidascruzes.sp.gov.br/planejamento/arquivos/planodiretor.pdf> Acesso em 25 de junho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**: Resultados do universo: Renda, Pessoas e Domicílios. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <<http://downloads.ibge.gov.br/>> Acesso em 05 de junho de 2014.

SANTOS, Fábio Pereira. **Coalizões de interesses e a configuração política da agricultura familiar no Brasil**. Tese (doutorado) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2011.

SOUZA, J.; KANTORSKI, L. P.; LUIS, M. A. V. **Análise Documental e Observação Participante na Pesquisa em Saúde Mental**. Revista Baiana de Enfermagem. Salvador: v. 25, n. 2, 2011.

TORRES, Haroldo. **Segregação residencial e políticas públicas: São Paulo na década de 1990**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.54, 2004.

VALLADARES, Lícia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 22 Nº. 63. São Paulo: fevereiro de 2007.